

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

KATIANE OLIVEIRA PACHECO

**O IMPACTO DAS HQS NA PROMOÇÃO DA LEITURA: COMO O USO DE
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PODE APRIMORAR A COMPETÊNCIA LEITORA,
PARTICULARMENTE ENTRE CRIANÇAS E JOVENS.**

OEIRAS - PI

2024

KATIANE OLIVEIRA PACHECO

**O IMPACTO DAS HQS NA PROMOÇÃO DA LEITURA: COMO O USO DE
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PODE APRIMORAR A COMPETÊNCIA LEITORA,
PARTICULARMENTE ENTRE CRIANÇAS E JOVENS.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora:

OEIRAS - PI

2024

KATIANE OLIVEIRA PACHECO

**O IMPACTO DAS HQS NA PROMOÇÃO DA LEITURA: COMO O USO DE
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PODE APRIMORAR A COMPETÊNCIA LEITORA,
PARTICULARMENTE ENTRE CRIANÇAS E JOVENS.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora:

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente

 MARCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO
Data: 02/04/2025 12:12:53-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Presidente

Documento assinado digitalmente

 ABILIO NEIVA MONTEIRO
Data: 27/03/2025 21:53:24-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Primeira Examinadora

Documento assinado digitalmente

 FRANCISCO WILLTON RIBEIRO DE CARVALHO
Data: 01/04/2025 22:11:52-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Segunda Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela luz e pelas bênçãos.

Agradeço à minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo amor, apoio e compreensão em todas as fases da minha vida. A vocês, que me ensinaram o valor do conhecimento e da persistência, sou eternamente grata.

Aos meus amigos, que foram porto seguro nos momentos de incerteza e me motivaram a seguir em frente.

E, finalmente, dedico a todos os educadores que cruzaram meu caminho, inspirando-me a continuar a busca pelo saber e pela melhoria constante. Vocês são a razão pela qual acredito na transformação por meio da educação.

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo explorar a relevância das histórias em quadrinhos na formação de leitores. A motivação para o estudo surgiu durante o período de estágio da graduação, quando foram observadas significativas dificuldades dos alunos em relação à leitura. Assim, a pesquisa busca oferecer contribuições para educadores e futuros profissionais, incentivando o enriquecimento das aulas de forma mais lúdica e envolvente. A proposta é utilizar as histórias em quadrinhos como um recurso leve e eficaz de aprendizado, tornando as aulas mais atrativas e motivadoras para os estudantes.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Leitura. Aprendizagem Lúdica

ABSTRACT

This research aims to explore the importance of comic books in shaping readers. The motivation for the study arose during the internship period of the undergraduate program, when significant difficulties in reading were observed among students. Thus, the research seeks to provide contributions to educators and future professionals, encouraging the enhancement of lessons in a more playful and engaging way. The proposal is to use comic books as a light and effective learning tool, making classes more attractive and motivating for students.

Keywords: Comic books. Reading. Playful learning

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM AMBIENTE ESCOLAR	11
3	FORMAÇÃO CRÍTICA E MULTILETRAMENTOS: ESTRATÉGIAS PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL E A LEITURA DO MUNDO.....	12
4	CAPÍTULO III - IMAGENS EM QUADROS: O ENSINO DE LITERATURA E OS QUADRINHOS	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos tornaram-se uma parte significativa do cenário educacional, ainda mais quando são usadas como ferramentas educacionais para promover o desenvolvimento da leitura habilidades de leitura, principalmente em crianças e jovens.

As histórias em quadrinhos são uma fusão de narração visual e verbal apresentada de forma dinâmica e compreensível, o que facilita a leitura e a compreensão dos textos. A legibilidade e a compreensão de textos mais fáceis e, portanto, servem como um forte complemento de ensino e aprendizado. Testemunhei em minhas sessões de orientação que os alunos estão tendo dificuldades para ler com sucesso, o que não só não se reflete apenas em seu desempenho escolar, mas também em sua capacidade de analisar a realidade.

Sua capacidade de interpretar o mundo ao seu redor. Assim, o uso de quadrinhos em sala de aula surge como uma forma viável e flexível viável e flexível que não apenas mantém os alunos envolvidos, mas também pode melhorar suas habilidades de leitura.

O objetivo principal deste estudo é explorar a eficácia das histórias em quadrinhos na promoção da compreensão da leitura, estudando como a utilização do recurso não apenas aumentará o nível de leitura, mas também melhorará o processo de aprendizagem.

Além disso, o foco dos méritos pedagógicos das histórias em quadrinhos será definido de modo a permitir o fornecimento de ferramentas práticas para que os para que os educadores incorporem esse material em suas estratégias de ensino, assim, tornando o processo mais divertido, leve e orientado para os resultados.

A ideia por trás desta pesquisa é, de fato, a rápida mudança do ambiente educacional, onde a maioria dos professores encontram alunos com problemas de leitura. Em um contexto de educação que está dando cada vez mais atenção à tecnologia e ao uso de audiovisuais, as histórias em quadrinhos tornam-se uma área em que a tradicional escrita encontra a preferência de aprendizagem visual e se enquadra na aprendizagem visual, uma abordagem que torna a leitura uma atividade agradável menos cansativa e desafiadora.

Com relação ao resultado das investigações, a possibilidade da presença dos valores dos quadrinhos na preparação de leitores independentes, bem como o estabelecimento de relações mais fortes entre professor e aluno com os dispositivos inovadores pesquisados provavelmente serão confirmados. A decisão final será que, com a ajuda e o uso adequado dos quadrinhos, o processo de ensino pode ser não apenas muito mais eficaz, mas também mais cativante, especialmente para os alunos que encontram barreiras na leitura tradicional.

2 HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM AMBIENTE ESCOLAR

As histórias em quadrinhos (HQs) têm um papel fundamental na comunicação visual, unindo texto e imagem de forma dinâmica e acessível. Sua estrutura narrativa, que utiliza balões de fala, onomatopeias e expressões visuais, facilita a compreensão do texto e estimula o interesse dos leitores.

Originalmente surgidas nas indústrias jornalísticas americanas no início do século XIX, as HQs têm raízes muito mais antigas, remontando às inscrições rupestres que já contavam histórias por meio de desenhos. Com o tempo, as HQs ganharam destaque como um veículo de comunicação de massa, especialmente entre o público infantojuvenil, por sua capacidade de combinar imagem e palavra em uma forma lúdica e envolvente de expressão.

Apesar de serem inicialmente rejeitadas como uma forma de arte, devido ao seu caráter comercial e à baixa qualidade de impressão, as HQs gradualmente passaram a ser vistas como uma manifestação cultural e artística. A junção da linguagem visual e escrita presente nos quadrinhos oferece uma nova dimensão de criatividade e expressão, tornando-as um importante recurso pedagógico no contexto escolar. Como descreve Xavier (2018):

A imagem sempre fascinou o homem. Desde o tempo das cavernas, ela está presente em nossas vidas, seja em forma de fotografias, pinturas, desenhos ou simples rabiscos. As palavras podem ser lidas ou ouvidas; as imagens, por sua vez, são apreendidas de forma diferente da linguagem verbal, pois não são feitas do mesmo código, e são capazes de nos remeter diretamente à coisa representada por traços de semelhança. As imagens são portadoras de memórias, culturas e tradições. Elas podem transformar um instante em eternidade. Conjugando

imagem à palavra, o potencial comunicativo de ambas é ainda ampliado, podendo uma reforçar o que diz a outra, dizer o que a outra não diz, ou mesmo desdizer o que é dito pela outra, criando diferentes efeitos de sentido (Xavier, 2018, p. 2).

Hoje, as HQs são reconhecidas como poderosas ferramentas para o ensino de diversas disciplinas, como a Língua Portuguesa, artes visuais e história, contribuindo para o desenvolvimento da leitura, da produção textual e do senso crítico dos alunos.

O uso das HQs em sala de aula não se limita à prática da leitura, mas também à exploração de conceitos das artes plásticas, como perspectiva, anatomia, luz e sombra, além de estimular o processo criativo dos alunos. Ao aprender a "ler" imagens e não apenas palavras, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda da linguagem visual que domina o mundo moderno.

Como descreve Carvalho (2006, p. 31), pela mistura de texto e desenho, seja pelos tipos de histórias ou, ainda, por heróis (e super-heróis) inesquecíveis, os quadrinhos sempre foram uma mídia sedutora para o público infantojuvenil. Assim, naturalmente, as HQ são também um instrumento em potencial a serviço da educação.

Alexandre Barbosa (2009), ao escrever sobre o uso de quadrinhos na escola, afirma que todos os principais conceitos das artes plásticas estão embutidos nas páginas de uma história em quadrinhos.

Assim, para o educador, as HQS podem vir a ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos, de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição (Barbosa, 2009, p. 131).

Os quadrinhos podem ser utilizados em sala de aula não apenas para explicar elementos das artes visuais, mas também como um exercício prático para exercitar o processo criativo dos alunos.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é propor o uso das HQs como um recurso didático valioso, demonstrando sua capacidade de abordar questões sociais e temas transversais, além de aprimorar a proficiência leitora e a escrita dos alunos.

3 FORMAÇÃO CRÍTICA E MULTILETRAMENTOS: ESTRATÉGIAS PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL E A LEITURA DO MUNDO

É interessante sempre refletir com os alunos em sala de aula, sobre o fato de vivermos em um momento que é preciso ler mais do que está escrito nos livros, precisamos ler todos os textos, a saber: as figurinhas enviadas via *whatsapp*, os vídeos do *tik tok* e *Kwai*, bem como as mensagens das séries, dos filmes, da *fanfic*, dos textos não verbais, entre outros textos que circulam em nosso mundo. Tal pensamento é importante, porque vivemos uma época na qual, como nunca anteriormente, estivemos expostos a todos os tipos de informação, que nos atingem a todos os momentos, em quantidade absurda, por intermédio de recursos das mais variadas naturezas. Chegam-nos em partes, muitas vezes, cabendo-nos compor o todo por meio da conexão coerente daquelas partes nem sempre recebidas de forma ordenada.

A exposição e a edição das muitas informações recebidas passa a exigir a mobilização constante de competências já existentes e o desenvolvimento imediato de outras, inéditas, para que possamos lidar, simultaneamente, com variadas interfaces e seus diversificados *input*, impressos, sonoros, imagéticos, digitais; isolados ou de forma combinada. Leitura e escrita, como processos de codificação e decodificação de símbolos ortográficos e numéricos, apenas, já não bastam à plena comunicação; essas habilidades continuam sendo essenciais, mas tornaram-se básicas demais e, por isso, muito elementares e, muitas vezes, até simplórias.

Em uma entrevista que estava Conceição Evaristo, o *rapper*, Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Emicida lembrou-se com carinho e melancolia de uma professora chamada Rita de Cássia que percebeu a dificuldade de aprendizagem que o músico tinha quando era criança e transformava o conteúdo da aula em história em quadrinho.

Ao discutir a interpretação da imagem como uma narrativa, Manguel (2001) argumenta que a construção de uma leitura desse tipo requer que se aplique à imagem aquilo que é próprio da narrativa: seu caráter temporal, sem o qual ela permanecerá sendo apenas uma imagem, associada ao espaço e à descrição que representa. A partir desse entendimento, o ensaísta argentino

(MANGUEL, 2001, p. 28) afirma que sempre “construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas”. Tal asserção sinaliza que a imagem torna-se narrativa não apenas quando atribuímos uma temporalidade construída sobre o repertório iconográfico que acumulamos ao longo de nossas vidas, mas também os textos com que interagimos e outras circunstâncias de nossa vida social contribuem para essa construção.

Levando em conta todos esses aspectos, refletimos sobre quais seriam as possíveis estratégias utilizadas pelo professor para um ensino baseado na interação. Com a intenção de propiciar a reflexão sobre as possibilidades de diferentes práticas de multiletramentos, listamos no quadro abaixo algumas obras que inicialmente serão lidas no projeto de extensão: “ colhendo leitores: múltiplos letramentos em histórias em quadrinho”, tais textos servirão como material para análise de recursos semióticos, promovendo a reflexão acerca da temática, do conteúdo composicional e do estilo abordados nos quadrinhos. Roxane Rojo reflete acerca da preocupação em entender as tecnologias para agir socialmente, pressupondo a diversidade de letramentos (Rojo, 2012).

Dentre as diversas formas de se trabalhar os multiletramentos na escola, optamos por desenvolver uma pesquisa usando o gênero ‘quadrinhos’. Tal forma textual, outrora desvalorizada e excluída do contexto escolar, como parte de uma mídia popular considerada ‘cultura de lixo’, em detrimento aos cânones literários considerados como de ‘alta cultura’, os quadrinhos ganharam enfoque e foram introduzidos no circuito escolar, tendo, inclusive, estímulo governamental para seu uso no ensino. Conforme Néstor Canclini (2019, p. 339), poderíamos lembrar que as histórias em quadrinhos, ao gerar novas ordens e novas técnicas narrativas, mediante a combinação original de tempo e imagens em um relato de quadros descontínuos, contribuíram para mostrar a potencialidade visual da escrita e o dramatismo que pode ser condensado em imagens estáticas.

Diante dessa nova relevância que o gênero adquiriu ao longo dos anos, ele se reafirma como parte do cenário escolar. Magda Soares (2006) cita que a presença dos quadrinhos nas provas de vestibulares, a distribuição de exemplares ao Ensino Fundamental, bem como sua inclusão no Parâmetro Curricular Nacional (PCN), fizeram com que a linguagem dos quadrinhos

adentrasse, então, às escolas.

O uso dos quadrinhos em sala de aula transcende a leitura linear, uma vez que sua linguagem abrange aspectos verbais e visuais. Ela traz aspectos da oralidade e reúne elementos narrativos que podem levar o leitor a um olhar crítico e fundamentado. A compreensão dessa linguagem requer, portanto, (multi)letramentos, uma vez que os significados não são construídos a partir somente da palavra escrita, mas a partir de recursos multissemióticos.

A produção textual tem sido um dos grandes focos de discussão e alvo de muitas especulações e de angústias por parte de aprendizes e professores em todos os níveis de ensino de Língua Materna. Na medida em que se delega unicamente para a escola a tarefa do ensino de produção textual, também se cobra dela a responsabilidade pelo alto índice de estudantes, que mesmo em fases mais avançadas, não são capazes de redigir textos claros, mesmo que a estrutura exigida seja simples. Por conta dessa discussão sobre produção textual, um dos objetivos deste projeto, é buscar condições para que os alunos produzam textos dissertativos argumentativos, levando em consideração os princípios feministas, na busca de transformação do papel social da mulher e das construções culturais e políticas de gênero implantadas ao longo da história, uma vez que, como propõe João Geraldi “ao se propor a produção de textos como devolução da palavra ao sujeito, apostar-se no diálogo” (GERALDI, 1997, p. 20).

A primeira função da instituição escolar é formar um cidadão crítico que esteja preparado para ler o mundo e, principalmente, consciente de suas atitudes como participante de uma sociedade. Para mediar este processo de desenvolvimento de competências, bem como auxiliar os alunos a transporem os conhecimentos disciplinares para sua vida em comunidade estão os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, porque lidam diretamente com o instrumento primeiro que move a sociedade, a linguagem.

É claro que o professor não deve desconsiderar a bagagem cultural do aluno, porém o educador não deve deixar de ensinar e valorizar as obras literárias já que, são esses textos que apresentam literariedade e conseguirão tocar de maneira profunda e muitas vezes transformadora a vida de um aluno, e com isso formá-lo em relação às questões sociais, com base nisso é dever das

universidades formar professores qualificados para tratarem dos mais diversificados assuntos, assim como o ensino de Literatura.

Discutida esta fase teórica, é evidente que a formação do leitor deva ser um processo interativo, mas primeiramente individual, o professor questiona a si próprio sobre a tradução disso para a sala de aula, o momento em que ele se depara com diferentes classes sociais, diferentes personalidades, díspares e não menos instigantes formas de compreensão sobre o mundo. Como adequar aos alunos as leituras prescritas pelo livro didático ou como aplicá-las sem a perda da personalidade individual? A mais discutida problemática: quais devem ser as leituras próprias aos alunos?

Nesse sentido, torna-se necessário trabalhar com a perspectiva de oportunizar situações reais de leitura, procurando refletir mais sobre o que está sendo lido, uma vez que nem sempre a leitura predileta do aluno é o que é proposto pelo professor, em sala de aula. A partir disso, passa-se a considerar que, estar indiferente às práticas rotineiras é registrar um “caso” de um não-leitor. De acordo com Roger Chartier (1999), aqueles que são considerados não-leitores leem, mas gostam de ler coisas diferentes daquilo que o cânone escolar define como leitura legítima.

Diante dessas diversidades, cabe descobrir o suporte textual no qual o texto preferencialmente será publicado, o gênero textual, o público-alvo para o qual foi escrito, a presença dos gêneros literários nos livros didáticos, entre outras, são estratégias que qualificam a leitura e nos ajudam a entender os efeitos de sentido que os autores querem atingir quando escrevem. Além disso, um autor, geralmente, deixa pistas, indícios para que o leitor os recupere no ato de ler. Segundo Ângela Kleiman, em seu livro *Texto & Leitor* (1997) o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa estas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita e rejeita conclusões.

Observando esses aspectos que norteiam o universo do jovem leitor, a equipe do projeto está preocupada com a formação das práticas de leitura, buscando auxiliar os possíveis equívocos dessa situação e, nosso foco, dirige-

se primeiramente a tardia entrada da Literatura na grade curricular, isto é, o aluno tem aulas de Língua Portuguesa, que geralmente nunca se referem aos gêneros literários. Diante do panorama das práticas de produção e recepção de leitura, objetivamos colaborar, positivamente no trabalho de aquisição da leitura, sugerindo atividades que contemplem essas necessidades em desenvolver a competência discursiva, oral e escrita.

A produção textual tem sido um dos grandes focos de discussão e alvo de muitas especulações e de angústias por parte de aprendizes e professores em todos os níveis de ensino de Língua Materna. Na medida em que se delega unicamente para a escola a tarefado ensino de produção textual, também se cobra dela a responsabilidade pelo alto índice de estudantes, que mesmo em fases mais avançadas, não são capazes de redigir textos claros, mesmo que a estrutura exigida seja simples.

Por conta dessa discussão sobre produção textual, o objetivo desta oficina é, buscar condições para que os alunos produzam textos dissertativos argumentativos, levando em consideração os princípios feministas, na busca de transformação do papel social da mulher e das construções culturais e políticas de gênero implantadas ao longo da história, uma vez que, como propõe João Geraldi “ao se propor a produção de textos como devolução da palavra ao sujeito, apostase no diálogo” (GERALDI, 1997, p. 20).

Teorias, fórmulas, soluções para problemas, maneiras autônomas de estabelecer o conhecimento. Sejam quais forem os conceitos que aperfeiçoamos como educadores, é possível saber o que cada aluno absorve nas aulas? Existe uma forma personalizada e justa de saber o que o estudante da sua disciplina aprende e aprimora durante o período letivo? O texto literário possui como especificidade a ligação com a Arte, além da associação a outros campos do conhecimento, como a História, a Filosofia, a Sociologia. Assim à sociedade, de um modo geral, atribui à Literatura o papel de formar leitores, contudo sem valorizar a fruição dela decorrente. Por sua ligação com outros campos do conhecimento, sua contribuição inestimável para o desenvolvimento de disciplinas como a Língua Portuguesa, Literatura se faz necessária no Ensino Fundamental.

A primeira função da instituição escolar é formar um cidadão crítico que esteja preparado para o mercado de trabalho e, principalmente, consciente de suas

atitudes como participante de uma sociedade. Para mediar este processo de desenvolvimento de competências, bem como auxiliar os alunos a transporem os conhecimentos disciplinares para sua vida em comunidade estão os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, porque lidam diretamente com o instrumento primeiro que move a sociedade, a linguagem.

A consciência de que todos constituímos e somos uma linguagem, deve ser o principal norte do educador, porque uma vez delimitado em suas aulas, ele não negará, por exemplo, as variedades de leitura que os alunos trazem de seu ambiente familiar, daquele momento das histórias com a avó ou aquelas brincadeiras com os amigos. Em sala de aula, verificar-se-á a variedade de leituras, que não só as de papel se fazem; e adequá-las ao uso curricular, sem prejuízo a variante dos docentes, será considerar a necessidade de seus alunos. Dessa maneira, sua formação como leitor é o primeiro passo para compreender, e não deduzir, quais as leituras que mais aproximam o leitor individual do leitor do mundo, o gosto pela leitura em quadrinhos à do romance.

CAPÍTULO III - IMAGENS EM QUADROS: O ENSINO DE LITERATURA E OS QUADRINHOS

[...] para aqueles que podem ver, a existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abracer e compreender nossa própria existência.

(Alberto Manguel)

É interessante sempre refletir com os alunos em sala de aula, sobre o fato de vivermos em um momento que é preciso ler mais do que está escrito nos livros, precisamos ler todos os textos, a saber: as figurinhas enviadas via *whatsapp*, os vídeos do *tik tok* e *Kwai*, bem como as mensagens das séries, dos filmes, da *fanfic*,

dos textos não verbais, entre outros textos que circulam em nosso mundo. Tal pensamento é importante, porque vivemos uma época na qual, como nunca anteriormente, estivemos expostos a todos os tipos de informação, que nos atingem a todos os momentos, em quantidade absurda, por intermédio de recursos das mais variadas naturezas. Chegam-nos em partes, muitas vezes, cabendo-nos compor o todo por meio da conexão coerente daquelas partes nem sempre recebidas de forma ordenada.

A exposição e a edição das muitas informações recebidas passa a exigir a mobilização constante de competências já existentes e o desenvolvimento imediato de outras, inéditas, para que possamos lidar, simultaneamente, com variadas interfaces e seus diversificados *input*, impressos, sonoros, imagéticos, digitais; isolados ou de forma combinada. Leitura e escrita, como processos de codificação e decodificação de símbolos ortográficos e numéricos, apenas, já não bastam à plena comunicação; essas habilidades continuam sendo essenciais, mas tornaram-se básicas demais e, por isso, muito elementares e, muitas vezes, até simplórias.

Em uma entrevista que estava Conceição Evaristo, o *rapper*, Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Emicida lembrou-se com carinho e melancolia de uma professora chamada Rita de Cássia que percebeu a dificuldade de aprendizagem que o músico tinha quando era criança e transformava o conteúdo da aula em história em quadrinho.

Ao discutir a interpretação da imagem como uma narrativa, Manguel (2001) argumenta que a construção de uma leitura desse tipo requer que se aplique à imagem aquilo que é próprio da narrativa: seu caráter temporal, sem o qual ela permanecerá sendo apenas uma imagem, associada ao espaço e à descrição que representa. A partir desse entendimento, o ensaísta argentino (MANGUEL, 2001, p. 28) afirma que sempre “construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas”. Tal assertão sinaliza que a imagem torna-se narrativa não apenas quando atribuímos uma temporalidade construída sobre o repertório iconográfico que acumulamos ao longo de nossas vidas, mas também os textos com que interagimos e outras circunstâncias de nossa vida social contribuem para essa construção.

Com a intenção de propiciar a reflexão sobre as possibilidades de diferentes práticas de multiletramentos, listamos no quadro abaixo algumas obras que inicialmente serão lidas no projeto de extensão: “ colhendo leitores: múltiplos letramentos em histórias em quadrinho”, tais textos servirão como material para análise de recursos semióticos, promovendo a reflexão acerca da temática, do conteúdo composicional e do estilo abordados nos quadrinhos. Roxane Rojo reflete acerca da preocupação em entender as tecnologias para agir socialmente, pressupondo a diversidade de letramentos (Rojo, 2012).

TABELA 1- Obras que serão lidas no projeto

Título da obra	Autoria da obra no formato escrito	Adaptação em HQ
O idiota	Fiódor Dostoiévski	André Diniz
Dois irmãos	Milton Hatoum	Fábio Moon e Gabriel Bá
Metamorfose	Franz Kafka	Peter Kuper
Dom Casmurro	Machado de Assis	Ivan Jaf

Fonte: PINHEIRO, 2024

Dentre as diversas formas de se trabalhar os multiletramentos na escola, optamos por desenvolver uma pesquisa usando o gênero ‘quadrinhos’. Tal forma textual, outrora desvalorizada e excluída do contexto escolar, como parte de uma mídia popular considerada ‘cultura de lixo’, em detrimento aos cânones literários considerados como de ‘alta cultura’, os quadrinhos ganharam enfoque e foram introduzidos no circuito escolar, tendo, inclusive, estímulo governamental para seu uso no ensino. Conforme Néstor Canclini (2019, p. 339), poderíamos lembrar que as histórias em quadrinhos, ao gerar novas ordens e novas técnicas narrativas, mediante a combinação original de tempo e imagens em um relato de quadros descontínuos, contribuíram para mostrar a potencialidade visual da escrita e o dramatismo que pode ser condensado em imagens estáticas.

Diante dessa nova relevância que o gênero adquiriu ao longo dos anos, ele se reafirma como parte do cenário escolar. Magda Soares (2006) cita que a presença dos quadrinhos nas provas de vestibulares, a distribuição de exemplares ao Ensino Fundamental, bem como sua inclusão no Parâmetro Curricular Nacional

(PCN), fizeram com que a linguagem dos quadrinhos adentrasse, então, às escolas.

O uso dos quadrinhos em sala de aula transcende a leitura linear, uma vez que sua linguagem abrange aspectos verbais e visuais. Ela traz aspectos da oralidade e reúne elementos narrativos que podem levar o leitor a um olhar crítico e fundamentado. A compreensão dessa linguagem requer, portanto, (multi)letramentos, uma vez que os significados não são construídos a partir somente da palavra escrita, mas a partir de recursos multissemióticos.

A produção textual tem sido um dos grandes focos de discussão e alvo de muitas especulações e de angústias por parte de aprendizes e professores em todos os níveis de ensino de Língua Materna. Na medida em que se delega unicamente para a escola a tarefa do ensino de produção textual, também se cobra dela a responsabilidade pelo alto índice de estudantes, que mesmo em fases mais avançadas, não são capazes de redigir textos claros, mesmo que a estrutura exigida seja simples. Por conta dessa discussão sobre produção textual, um dos objetivos deste projeto, é buscar condições para que os alunos produzam textos dissertativos argumentativos, levando em consideração os princípios feministas, na busca de transformação do papel social da mulher e das construções culturais e políticas de gênero implantadas ao longo da história, uma vez que, como propõe João Geraldi “ao se propor a produção de textos como devolução da palavra ao sujeito, apostar-se no diálogo” (GERALDI, 1997, p. 20).

A primeira função da instituição escolar é formar um cidadão crítico que esteja preparado para ler o mundo e, principalmente, consciente de suas atitudes como participante de uma sociedade. Para mediar este processo de desenvolvimento de competências, bem como auxiliar os alunos a transporem os conhecimentos disciplinares para sua vida em comunidade estão os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, porque lidam diretamente com o instrumento primeiro que move a sociedade, a linguagem.

É claro que o professor não deve desconsiderar a bagagem cultural do aluno, porém o educador não deve deixar de ensinar e valorizar as obras literárias já que, são esses textos que apresentam literariedade e conseguirão tocar de maneira profunda e muitas vezes transformadora a vida de um aluno, e com isso formá-lo em relação às questões sociais, com base nisso é dever das

universidades formar professores qualificados para tratarem dos mais diversificados assuntos, assim como o ensino de Literatura.

Discutida esta fase teórica, é evidente que a formação do leitor deva ser um processo interativo, mas primeiramente individual, o professor questiona a si próprio sobre a tradução disso para a sala de aula, o momento em que ele se depara com diferentes classes sociais, diferentes personalidades, díspares e não menos instigantes formas de compreensão sobre o mundo. Como adequar aos alunos as leituras prescritas pelo livro didático ou como aplicá-las sem a perda da personalidade individual? A mais discutida problemática: quais devem ser as leituras próprias aos alunos?

Nesse sentido, torna-se necessário trabalhar com a perspectiva de oportunizar situações reais de leitura, procurando refletir mais sobre o que está sendo lido, uma vez que nem sempre a leitura predileta do aluno é o que é proposto pelo professor, em sala de aula. A partir disso, passa-se a considerar que, estar indiferente às práticas rotineiras é registrar um “caso” de um não-leitor. De acordo com Roger Chartier (1999), aqueles que são considerados não-leitores leem, mas gostam de ler coisas diferentes daquilo que o cânone escolar define como leitura legítima.

Diante dessas diversidades, cabe descobrir o suporte textual no qual o texto preferencialmente será publicado, o gênero textual, o público-alvo para o qual foi escrito, a presença dos gêneros literários nos livros didáticos, entre outras, são estratégias que qualificam a leitura e nos ajudam a entender os efeitos de sentido que os autores querem atingir quando escrevem. Além disso, um autor, geralmente, deixa pistas, indícios para que o leitor os recupere no ato de ler. Segundo Ângela Kleiman, em seu livro *Texto & Leitor* (1997) o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa estas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita e rejeita conclusões.

Observando esses aspectos que norteiam o universo do jovem leitor, a equipe do projeto está preocupada com a formação das práticas de leitura, buscando auxiliar os possíveis equívocos dessa situação e, nosso foco, dirige-se primeiramente a tardia entrada da Literatura na grade curricular, isto é, o aluno tem aulas de Língua Portuguesa, que geralmente nunca se referem aos gêneros literários. Diante do panorama das práticas de produção e recepção de leitura,

objetivamos colaborar, positivamente no trabalho de aquisição da leitura, sugerindo atividades que contemplem essas necessidades em desenvolver a competência discursiva, oral e escrita.

Durante a leitura, será dando ênfase as imagens dos quadrinhos, por exemplo, na adaptação de **Dom Casmurro**, buscaremos que os alunos leiam as imagens do personagem Bento Santiago com aspecto de sisudo, aborrecido e assim, debateremos questões relacionados à época que Machado de Assis (1839-1908) escreveu a obra original.

Quadrinho e a metamorfose:

No entanto, a prosperidade econômica e cultural contrastava com a situação das classes populares não apenas na Inglaterra, mas na Europa como um todo. Com o aumento das fábricas e os demais avanços do progresso, aumentou também a insegurança do povo em relação ao futuro. As fábricas se tornaram cada vez maiores, as profissões cada vez mais especializadas, as máquinas cada vez mais ininteligíveis. A partir de 1850 começaram a aparecer os estudos de gerenciamento científico que atingiram seu auge com as pesquisas de tempo e de movimento, de Taylor, em 1906. Devido a esses fatores, a realidade dos trabalhadores nas fábricas de fins do século dezenove em muito se assemelhou à condição de pessoas em situações de servidão observadas ao longo da história da humanidade, ou seja, sob completa disciplina e consequente falta de liberdade. Em sintonia com seu zeitgeist, o dândi flanava pelo cenário das cidades enegrecidas pela fuligem das fábricas lotadas por mulheres e crianças em busca de sensações que pudessem, por momentos, aplacar seu desencanto, seu tédio profundo, seu desencanto com a decadência de fim do século que, por volta de 1880, gerou o movimento do Decadentismo (LOPES, 2008, p. 38). Alicerçado nas mesmas bases culturais o fim de século também fomentou a revitalização do romance gótico e a ascensão da literatura fantástica enquanto gênero literário nos termos todorovianos: "... a literatura fantástica nada mais é do que a má consciência deste século XIX positivista" (TODOROV, 1992, p. 176).

O crescente interesse dos departamentos das universidades e da academia em geral de áreas como a Comunicação, a História, Letras e Linguística pelas

narrativas gráficas trazem à tona a questão sobre os domínios deste fenômeno cultural vinculada em sua origem à indústria cultural e, consequentemente, à cultura de massa. Neste debate um dos aspectos é: afinal de contas, quadrinhos é ou não é literatura? Como se dá essa relação?

Como ponto de partida, tanto os quadrinhos quanto a literatura objetivam a narrativa de algo, sejam visando o mero entretenimento, a pregação religiosa ou política ou o ensino de algum valor compartilhado pela comunidade na qual o indivíduo se insere. De fato, as narrativas estão vinculadas à existência social do homem e, portanto, como coloca Antônio Cândido em *Literatura e sociedade* (2006) ao falar especificamente da literatura: “literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (CANDIDO, 2006, p. 29). Estendendo a colocação de Cândido para outras expressões artísticas constata-se que as semelhanças entre quadrinhos e cinema no que se refere a algumas convenções como plano, ângulo e visão, dentre outros, decorrem do fato das duas terem seu nascimento na segunda metade do século dezenove, como produtos do desenvolvimento tecnológico da indústria cultural voltado para as massas. Pela mesma razão, desde a sua gênese e até recentemente, a narrativa gráfica foi alvo do preconceito de diferentes setores da sociedade. Esta discriminação deriva, em parte, da cultura ocidental cuja tradição herdada do pensamento clássico sempre privilegiou o texto escrito, considerado o mais apropriado a pessoas letradas e educadas, em oposição ao material ilustrado, tido como pertencente às massas ignorantes. Como relembra Vergueiro sobre as manifestações desse preconceito:

Pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQS, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”. Daí, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta (Vergueiro, 2010, p. 8).

Atualmente, a crítica deste meio de comunicação vem debatendo a sua vinculação ou não com a Literatura. Para Paulo Ramos, porém, esta busca por vínculo com o universo literário esconde a baixa alto-estima do próprio gênero, ainda refletindo o período no qual os quadrinhos foram discriminados:

Chamar quadrinhos de literatura, a nosso ver, nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados [...] como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no

meio universitário (RAMOS, 2009, p. 17)

A posição de Ramos, compartilhada por estudiosos como Moacyr Cirne, Will Eisner, Juan Acevedo e Umberto Eco, e que sustenta este artigo, defende os quadrinhos como uma linguagem autônoma, desenvolvida ao longo de um século de sua existência e caracterizada pela utilização de convenções e mecanismos narrativos comuns à literatura, mas também comuns ao cinema, à fotografia, ao teatro e à pintura. Nesta leitura, os quadrinhos se colocam como um hipergênero, um grande rótulo que agrupa vários gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantemente narrativos (RAMOS, 2009, p. 21). No entanto, ao tratarmos da adaptação de uma obra literária para o meio dos quadrinhos, cabe discutir a seguir como os elementos narratológicos são configurados nestas duas expressões artísticas.

Independente do meio utilizado, sejam os quadrinhos ou a literatura, a narrativa depende da composição de diferentes elementos que permitem sua expressão. Como explica Cagnin:

A narração é assim um produto de unidades articuladas segundo certos princípios. É uma série organizada de acontecimentos. Ainda que selecione fatos reais e da vida, ela não é uma mera cópia da vida. Estabelece unidades e, organizando-as, forma um conjunto de normas, o código narrativo (CAGNIN, 1975, p. 155).

Os elementos mencionados por Cagnin como as unidades articuladas da narração se apresentam nas histórias de quadrinhos em parceria com o signo visual gerando especificidades para algumas delas. Passamos a seguir para a configuração da cena narrativa,

dos personagens, do tempo e do espaço no universo das narrativas gráficas.

A cena narrativa nos quadrinhos, circunscrita ao que se define como “quadrinho” (EISNER, 1989, p. 38), agrupa cenário, personagens, fragmentos do espaço e do tempo. Em grande parte dos casos, a comparação com outro quadro faz a condução da narrativa e, consequentemente do progresso do tempo. Em se tratando do formato do quadro, como será visto na adaptação da novela de Kafka por Kuper, a preferência pelas formas retangulares pode ceder vez para formatos que vão ao encontro das intenções do artista gráfico em relação à cena. Esta intenção também se deixa representar visualmente na linha demarcatória do quadro, podendo ser

usada para expressar o tempo da narrativa, descrever o que se passa na mente do leitor, seja para relembrar o passado ou imaginar uma situação.

Quanto aos personagens, a expressividade se dá por meio do rosto e pelo movimento dos seres desenhados. Neste campo, Ramos destaca o conceito da “metáfora visual” (RAMOS, 2009, p. 112) que seria uma forma de expressar idéias ou sentimentos por meio de imagens. Exemplos conhecidos de metáforas visuais são as imagens de cobras e lagartos para significar pensamentos agressivos e figuras de corações circundando o personagem para sinalizar sua paixão. Ainda sobre os personagens, o estilo do desenho muitas vezes determina o gênero da narrativa. Um estilo realista, caricato ou estilizado (CAGNIN, 1975, p. 112-113) pode indicar que a história será cômica ou de intenções mais sérias, algo de extrema relevância na concepção do *A metamorfose*, de Kuper.

O tempo é um elemento fundamental na arte visual e é percebido pela disposição dos balões e dos quadrinhos (EISNER, 1989, p. 25). Nas narrativas gráficas, quanto mais quadros são usados menor é a sensação de passagem de tempo (MC CLOUD, 1995, p. 101). Outro recurso muito comum também é a utilização do personagem como âncora para a indicação do tempo transcorrido na história. É o caso do personagem cuja posição se mantém inalterada ao longo dos quadros, mas vai envelhecendo nos mesmos (RAMOS, 2009, p. 129).

A alienação do homem finissecular em relação a uma existência que lhe parece absurda, a busca infrutífera por algo que não pode mais ser encontrado e a indagação por aquilo que não tem resposta são as características mais marcantes de toda a obra de Kafka. Esses elementos recorrentes abordados sob uma visão simbólica da realidade resultaram em textos que subverteram o esquema todoroviano do fantástico como hesitação entre o natural e o sobrenatural ou como proibição de dar-lhe uma visão alegórica ou poética (PAES, 1985, p.

16). Como coloca Todorov ao escrever especificamente sobre *A metamorfose*:

Em Kafka, o acontecimento sobrenatural não provoca mais hesitação pois o mundo descrito é inteiramente bizarro, tão anormal quanto o próprio acontecimento a que serve de fundo. Reencontramos, portanto, (invertido) o problema da literatura fantástica – literatura que postula a existência do real, do natural, do normal, para poder em seguida atacá-lo violentamente – mas Kafka conseguiu superá-lo. Ele

trata o irracional como se fizesse parte do jogo: seu mundo inteiro obedece a uma lógica onírica, se não de pesadelo, que nada tem a ver com o real (TODOROV, 1992, p. 181).

Diante do desafio de enquadrar o escritor tcheco dentro do seu rígido esquema conceitual desta literatura o crítico o desterra do terreno do fantástico para a do maravilhoso porque na sua obra não há mais real que possa contrapor-se a tal “fantástico generalizado; o mundo inteiro do livro e o próprio leitor nele estão incluídos” (TODOROV, 1992, p. 182).

A influência de Kafka não ficou restrita ao continente europeu. Como acredita Marcelo Backes em “A teia kafkiana” até mesmo a literatura latino-americana provavelmente teria enveredado por caminhos bem diferentes se não fosse a ficção de Kafka. Gabriel García Marques, como reporta Backes, confessa ter alcançado coragem para desenvolver o “Realismo mágico” apenas depois da leitura de *A metamorfose*, dizendo que Kafka lhe apontou o caminho e que aprendeu com ele que se pode escrever de outro modo (BACKES,

2007a, p. 39). Mas, o que há nesta novela a ponto de levar Gabriel García Marques a se enveredar pelos bosques do insólito e fazer com que Heinz Politzer, um dos mais conhecidos comentaristas da obra kafkiana, escrevesse que “depois da metamorfose de Gregor Samsa o mundo em que movemos tornou-se outro”? (BACKES, 2007b, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou a relevância das histórias em quadrinhos (HQs) como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa, destacando seu potencial para o desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas dos estudantes. A análise de diferentes abordagens e experiências no uso das HQs em sala de aula demonstra como esse gênero textual pode ser um poderoso aliado na formação de leitores críticos, além de contribuir para a aprendizagem de aspectos imagéticos.

Ao integrar textos verbais e não verbais, as HQs estimulam o aluno a interpretar, analisar e produzir significados a partir de múltiplos códigos, desenvolvendo sua competência comunicativa de forma holística. Esse tipo de leitura ativa e interativa propicia uma compreensão mais rica da língua, pois exige do aluno a capacidade de fazer conexões entre as imagens e os textos, promovendo a construção de sentido em uma dinâmica que envolve tanto a reflexão sobre a vida quanto a compreensão do contexto social e cultural representado nas histórias. Ao conjunto de palavras e imagens, as HQs permitem que os alunos desenvolvam uma leitura crítica e profunda, não apenas da linguagem verbal, mas também das sutilezas visuais, simbólicas e emocionais presentes nas ilustrações.

Essa habilidade de interpretar e integrar diferentes formas de comunicação enriquece a compreensão do mundo e fortalece o domínio da língua, ampliando a capacidade de expressão dos estudantes, seja na fala, seja na escrita. Desta forma, o uso das HQs no ensino de Língua Portuguesa não só aprimora as competências linguísticas, mas também estimula uma visão mais crítica, criativa e interdisciplinar do processo de leitura e de ensino aprendizagem.

Em suma, o uso das histórias em quadrinhos no ensino de Língua Portuguesa representa uma abordagem inovadora e eficaz, já que alia o aprendizado linguístico à interação com diferentes formas de linguagem, como as imagens e os símbolos. Ao integrar textos verbais e não verbais, as HQs oferecem aos alunos uma experiência de leitura dinâmica e reflexiva, que não apenas aprimora suas competências linguísticas, mas também os convida a refletir sobre o mundo em suas diversas camadas de significado. Essa metodologia estimula o desenvolvimento de

habilidades essenciais, como a interpretação crítica, a análise contextual e a produção de sentidos de maneira integrada, promovendo uma aprendizagem mais envolvente e significativa. Portanto, as HQs se consolidam como um recurso pedagógico valioso, que enriquece o ensino de Língua Portuguesa e contribui para a formação de leitores críticos e responsivos, diante das complexidades da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. G.; CEZAR; K. P. L. **O congresso de Milão. História em quadrinhos.** Araraquara: Letraria, 2019. Disponível em: <https://www.letraria.net/o-congresso-de-milao/>.
- BARI, V. A. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores:** busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/publico/1937466.pdf>.
- BERENBAUM, M. **The World Must Know:** The History of the Holocaust as Told in the United States Holocaust Memorial Museum. United States Holocaust Memorial Museum: Johns Hopkins University Press, 2005.
- BIESOLD, H. **Crying hands:** Eugenics and deaf people in Nazi Germany. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1999.
- BUCHANAN, R. M. **Illusions of Equality:** Deaf Americans in School and Factory, 1850-1950. ‘Conspiracy of silence.’ Contesting exclusion and oral hegemony. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2002. (Capítulo 6)
- CARVALHO, P. **História dos Surdos no Mundo e em Portugal.** Lisboa: Surd'universo, 2007.
- CELANI, M. C. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil: o traçado de uma repercussão rumo ao debate. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTE, M. (org.). **Linguística e transdisciplinaridade.** Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- FRANZ, Kafka. **A METAFORMOSE.** Adaptado Por Peter Kuper. 2003. Conrad Editora do Brasil
- PEDROSA, P. S. **Eugenio: o pesadelo genético do século XX.** Parte I: o início. MONTFORT – Associação Cultural, s/p. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/ciencia/eugenio/>.
- RYAN, D. F.; SCHUCHMAN, J. S. (ed.). **Deaf People in Hitler's Europe.** Washington, DC: Gallaudet University Press, 2002. RENWAND, G. The Experience of the Deaf During the Holocaust. Disponível em: <http://www.nmu.edu/english/sites/DrupalEnglish/files/UserFiles/Files/Renwand.pdf>.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais e Ensino.** 5. ed. São Paulo: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.

